

Os *Beiträge zur Philosophie* sob uma mirada prévia:

O pensamento (da verdade) do ser e o apropriar-se da existência histórica.

Daniel Rodrigues Ramos¹

Doutor em filosofia pela *Pontificia Università Atonianum*, Roma

Resumo: O artigo visa apresentar, em caráter introdutório, os *Beiträge zur Philosophie* (Contributos à filosofia) de M. Heidegger. Toma-se como fio condutor a meta de delinear a identidade do pensamento que, no itinerário filosófico heideggeriano, nomeia-se costumeiramente por pensamento da história do ser. Contudo, mostra-se que, conforme a elaboração histórico-essencial da questão do ser, no horizonte aberto pela questão do *Ereignis*, o pensar se enraíza e se confunde com o evento mesmo de apropriação histórica da essência humana. Em especial, na consumação da metafísica, trata-se da experiência de transformação da essência metafísica do homem (*animal rationale*) naquele ente que custodia o mistério do ser, à medida que, pelo pensar, o homem funda e deixa-se ser fundado como a clareira que resguarda o traço mais originário da manifestação histórica da verdade do ser: o retraimento, o ocultar-se do ser. Nesta direção, inaugura-se outra relação entre o ser, o homem e o ente no seu todo, cujo acontecimento estaria na base de outro princípio da história. Com isto, tenta-se ganhar um olhar prévio para aquilo que é mirado pelo questionamento da obra apresentada pelo artigo.

Palavras-chave: Existência, pensamento, fundação, história, *Ereignis*.

Abstract: This article, introductory in character, intends to present the *Beiträge zur Philosophie* of M. Heidegger. It becomes the guide line for delineating the identity of thought that, in Heidegger's philosophical itinerary, appoints the customary thought of the history of being. However, it reveals that, as the historical-essential elaboration of the question of being in the new horizon opened by the question of *Ereignis*, thinking takes root and is confused with the event of the historical appropriation of the human essence. Particularly, in the consummation of metaphysics, it is the transforming experience of the metaphysical essence of man (*animal rationale*) in which that entity which protects the mystery of being, to the extent of thinking, man grounds and allows himself to be grounded as the clearing that protects the most original trait of the historical manifestation of the truth of being: withdrawal, the self-sheltering-concealing of being. In this direction, another relationship opens up between being, man and entity as a whole which should be the base of another principle of history. With this, it tries to gain an early look at what is targeted by the dispute presented in this article.

Keywords: Existence, thought, grounding, history, *Ereignis*.

¹ Atualmente, é professor no Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás (IFITEG). frateramos@hotmail.com.

A discussão a seguir possui o modo de um olhar prévio, sobretudo porque se esforça por ganhar o todo da obra que o título do artigo coloca em questão e, com isto, antecipar o movimento interno dos *Beiträge* desde o impulso inicial desta obra que ainda permanece desconhecida ao leitor de língua portuguesa. Por conseguinte, o artigo tem em vista o mérito de apenas possuir caráter introdutório e, talvez, didático, mas desde que seja compreendido desde seu intuito de apresentar a obra ao modo de uma mirada prévia. Este modo deve-se primeiramente ao fato que as seguintes anotações movem-se exclusivamente na primeira parte dos *Beiträge zur Philosophie*, intitulada de *Vorblick*, isto é, olhar preliminar. O artigo, portanto, visa ganhar a própria mirada da obra a ser apresentada e, portanto, nada mais que olhá-la a partir do horizonte de visão oferecido por ela mesma.

Como compreender esta mirada? Trata-se de um ver antecipador das partes subsequentes. Contudo, a antecipação desta seção não se constitui em informações a respeito da metodologia utilizada, esclarecimentos prévios acerca do conjunto da obra, mostrando seus capítulos e respectivas teses e argumentos principais. Nem mesmo a seção referida é uma apresentação dos requisitos necessários para a compreensão do posterior, como se o núcleo da obra estivesse somente nas páginas seguintes e tudo aquilo fosse apenas uma mera preparação para o que se segue. Ao contrário, com a mirada em questão já se apreende imediatamente o nuclear da obra, mas como que por meio daquilo que na experiência cotidiana se chama de um primeiro olhar de um atento espectador, por exemplo, diante de uma obra de arte. Como tal, é aquela mirada que não se perde nas minúcias das particularidades. Contudo, não é uma visualização menos acurada, justamente porque se atém ao todo e ao princípio dos desdobramentos posteriores. No sentido de mostrar ou fazer ver, isto se comprova no movimento interno e se demonstra no desenvolvimento subsequente da obra. Com efeito, obedecendo ao estilo árduo da obra, em nada argumentativo e quase aforístico, isto é, procurando dizer de modo sucinto e com ditos essenciais, na maneira contida de expressar-se comparável a um tímido aceno, tudo que se diz nas partes subsequentes é uma recuperação em outro nível do que fora visualizado no *Vorblick*, porém, no esforço fatigante de encontrar a melhor forma de indicá-lo. Daí resulta uma pluralidade semântica dos conceitos fundamentais da obra, mas que ao fim revela as várias nuances do *único* a ser pensado, denominado por Heidegger com a palavra *Ereignis*.

Contudo, este movimento interno, conforme acima indicado, que se poderia chamar de conjunções de fugas ou estrutura fugada², é o mesmo da existência humana ao se constituir na história, desde que se descrita não a partir de esquemas interpretativos externos, mas no compromisso de tentar trazê-lo à fala a partir de dentro, isto é, se a descrição é guiada pelo evento mesmo das conexões internas da existência. Nesta descrição, o questionar exerce um papel privilegiado. Na verdade, o questionar é justamente o surgir das conexões, desdobrando uma na outra, intrincando-as uma a partir da outra, mas sempre manifestando o único e pluriforme acontecimento da existência. Por isso, a discussão a seguir, embora apresentada em subsecções, interroga unicamente o que é o questionar filosófico, tentando identificar a identidade una e indivisa do pensamento enquanto maturação da existência histórica dos homens. Com efeito, cada grupo de palavras que intitulam as subsecções, aparentemente desconectadas, acena para o mesmo, à medida que procura responder em diferentes modos esta única pergunta.

Para que esta proposta de discussão se torne mais compreensível, a princípio, é útil uma breve observação em torno da questão fundamental do pensamento heideggeriano. A

² No seu conjunto, o plano estrutural dos *Beiträge zur Philosophie* se constitui de seis junções ou *Fügungen*, cujo significado não é fácil determinar. De modo geral e vago, elas traduzem a conjunção das figurações do acontecimento do ser mesmo, enquanto o acenar e o subtrair de sua verdade. Ao homem, cabe a adjunção de sua existência a este evento no e como pensamento, por meio do que ele se dispõe a favorecer o dinamismo histórico-conformador da mútua pertinência entre ser e homem num único acontecimento histórico da verdade. Ao longo deste acontecimento da conjunção da unidade primordial ser-homem, cada qual conquista e revela o sentido epocal de sua vigência: o ser se essencializa num jogo de desvelamento-velamento em que destina o homem para a apropriação de si e ao desvelamento do seu mundo histórico; ao mesmo tempo, funda-se a existência histórica do homem enquanto o tempo-espaço, sem o qual o ser não pode subtrair-se e viger no seu mistério. As seis junções referidas são as seguintes: a ressonância (*der Anklang*), o passe (*das Zuspiel*), o salto (*der Sprung*), a fundação (*die Gründung*), os porvindouros (*die Zukünftigen*), o último deus (*Der letzte Gott*). Como devem ser compreendidas, explica o autor: “As seis junções da conjunção estão, cada vez, por si, mas somente para fazer a unidade essencial mais penetrante. Em cada uma das seis junções, tenta-se dizer cada vez o mesmo sobre o mesmo, porém, respectivamente, a partir de outro âmbito essencial daquilo que se nomeia *Ereignis*. Vistas do exterior e fragmentariamente, então, encontram-se facilmente ‘repetições’ por toda parte. Persistir junto ao mesmo, entretanto, esse testemunho da autêntica insistência do pensar principiado, consumir puramente segundo a fuga, é o mais difícil. Ao contrário, é mais fácil prosseguir ininterruptamente em uma série de “matérias”, que se oferecem permanentemente diferentes, porque resulta de si mesma” (HEIDEGGER, 2003b, p. 81-2; tr. esp., p. 80): „Die sechs Fügungen der Fuge stehen je für sich, aber nur, um die wesentliche Einheit eindringlicher zu machen. In jeder der sechs Fügungen wird über das Selbe je das Selbe zu sagen versucht, aber jeweils aus einem anderen Wesensbereich dessen, was das Ereignis nennt. Äußerlich und stückhaft gesehen findet man dann leicht überall »Wiederholungen«. Doch das Verharren beim Selben, dies Zeugnis der echten Inständigkeit des anfänglichen Denkens, fügenmäßig rein zu vollziehen, ist das Schwerste. Dagegen ist das fortgesetzte Fortlaufen in der Anreihung ständig anders bietender »Stoffe« leicht, weil es sich von selbst ergibt“. Tradução minha). É o desdobramento deste único, que aparece a estrutura fugada ou conjuntural, que nos *Beiträge* não é somente o arcabouço da obra, mas principalmente o que deve ser pensado pensado sob a palavra ou questão fundamental *Ereignis*: o acontecimento da verdade ser como sendo o fundamento oculto e abissal da existência humana e da história.

questão do sentido do ser, para cujo questionamento são orientados todos os esforços da fenomenologia heideggeriana desde *Sein und Zeit*, não é um processo representativo a partir do qual é dado dizer algo objetivo. Do mesmo modo, a questão não se restringe a processos subjetivos, às vivências interiores e particulares, das quais decorreriam afirmações arbitrárias. Não obstante, a questão está centrada no “sujeito” do seu questionamento. Um traço fundamental dessa questão, pois, reside no fato que sua elaboração coincide com o modo de ser de um ente determinado, o *Dasein* (cfr. HEIDEGGER, 2006, p. 7; tr. por., p. 33). Assim, a existência humana é o desdobramento dessa questão, dado que o *Dasein* é, essencialmente, a busca do sentido do seu próprio ser. Por isso, questionar a questão do sentido do ser significa constituir-se e singularizar-se ao longo do seu questionamento.

A mesma intuição é preservada e aprofundada no pensamento da história do ser (*seynsgeschichtliches Denken*), do qual os *Beiträge zur Philosophie* são a primeira elaboração “sistemática”³, no sentido de delinear e desenvolver esta perspectiva de questionamento, que se impôs no itinerário de Heidegger a partir dos anos 30. Contudo, a continuidade da elaboração da mesma questão do ser se realiza mediante uma ruptura, de tal modo que não dependa mais da compreensão do ser enquanto o horizonte prévio do questionamento, isto é, não está fundada em nenhum ente, nem mesmo naquele capaz do questionar. Antes, a mencionada questão ultrapassa o *Dasein*, nas suas concreções singulares e compreensões factuais. Esse ultrapassamento concerne à reserva e ao excedente do questionado: em dada elaboração epocal da questão não se esgota a vastidão das possibilidades de determinação do questionado, mas se consoma apenas um projeto universal para determinado tempo, pois único e singular, de determinação do sentido do ser. Por isto, a elaboração é profundamente histórica, não obstante aqui não se trate, em primeiro lugar, da história dos feitos humanos, mas que tem sua origem e princípio no próprio ser: a história pertence, sobretudo, ao ser. Todavia, tal história acontece no consentimento dos homens, à medida que a sua existência continua sendo o questionamento mais originário do

³ Rigorosamente, o termo sistema, principalmente em sua acepção moderna, é totalmente inadequado. (cfr. HEIDEGGER, 2003b, p. 5, 65, 81; tr. esp., p. 22, 67-8, 80). De fato, como se lê na página 5 da edição (tr. esp., p. 22), para Heidegger, o tempo dos sistemas chegou ao seu fim, „*Die Zeit der »Systeme« ist vorbei*“. Em seu lugar, se impõe a necessidade do pensar as conjunções do ser. O pensamento, então, passa a configurar-se como disposição para fugir a verdade do ser. Esse pensamento, por não ser sistemático, não quer dizer que seja menos rigoroso. A respeito dessa distinção entre os dois modos de pensar, veja-se *Le système et la fugue: deux modes de penser*, in *Heideggers Beiträge zur Philosophie (Internationales Kolloquium)*, de SCHÜBLER (2009, p. 85-102).

sentido do ser, porém configurando-se como busca de saltar dentro da verdade do ser, naquela reserva excedente, como afirmam os *Beiträge zur Philosophie*: “a questão do ser (*Seinsfrage*) é o salto no ser (*Seyn*), que o homem cumpre como buscador, à medida que ele é um criador *pensante*”⁴ (HEIDEGGER, 2003b, p. 11; tr. esp., p. 27). Essa afirmação a ser lida como ressonância da seguinte: “desde a *verdade do ser* (*Seyn*) (a saber, a partir da essencialização da verdade), deixar surgir o *Da-sein*, para nele fundar o ente no todo e como tal, porém, para em meio a esse, o homem”⁵ (M. HEIDEGGER, 2003b, p. 8; tr. esp., p. 25). Questionar o sentido do ser desde tal ruptura, e, no entanto, segundo a mesma intuição de *Sein und Zeit*, apresenta-se como o pensar que, em virtude de sua força criativa, forma o *Da-sein* como a abertura para o reservar-se e ocultar-se do ser (*Seyn*). Assim, a questão do ser ultrapassa a finitude fática do *Da-sein*, mas também a inclui, já que sem essa inclusão não se desdobraria o projeto que revela, em *cada* consumação de uma época da história, o que é “o sentido do ser (*Seyn*)” em sua origem oculta. E por isso, o pensamento da história do ser permanece uma fenomenologia da concretude fática da existência humana, mas que se expande largamente retrocedendo e avançado no horizonte da história.

1. Salto, fundação e transformação

Como salto na verdade do ser, o questionamento significa abandonar o chão seguro da tradição, em que a filosofia se habituou a perguntar somente pelo ente e omitir a verdade do ser, para percorrer uma experiência de pensar sem precedentes na história da metafísica⁶ (cfr. HEIDEGGER, 2003b, p. 5, 74-7; tr. esp., p. 22-3, 74-6). Saltar, então, é fazer a transição da questão condutora (*Leitfrage*), dominante desde a filosofia grega até o fim da metafísica com

⁴ „Die Seinsfrage ist der Sprung in das Seyn, den der Menschen als der Sucher des Seyns vollzieht, sofern er in ein denkerisch Schaffender ist“. Tradução minha, grifos de Heidegger.

⁵ „aus der Wahrheit des Seyns (und d.h. aus der Wesung der Wahrheit) das Da-sein entspringen lassen, um darin das Seiende im Ganzen und als solches, inmitten seiner aber den Menschen zu gründen“. Tradução minha, grifos de Heidegger.

⁶ A radical diferença das questões é assinalada no seguinte modo à página 74 da versão original (tr. esp., p. 74): „Das Seiende ist. Das Seyn west“; o ente é, mas o ser (*Seyn*) essencializa-se, isto é, vige ao se retrair, apartando-se e diferenciando-se de qualquer entidade. Por isso, não é suficientemente originário perguntar pelo ser somente como entidade do ente nas suas variantes metafísicas: da *idéa* platônica e *oûsía* aristotélica até à vontade de potência de Nietzsche. Para precisar essa diferenciação a partir do significado do verbo *wesen* nos *Beiträge* e sua articulação com *Wesen* (essência), *Wesung* (essencialização), *Wahrheit* (verdade), *Seyn* (ser) e *Ereignis*, cfr. *I concetti fondamentali dei «Beiträge» di Heidegger* (MAGRIS, 1992, p. 241-44).

Nietzsche na forma de pergunta pelo ser (*Sein*) como entidade do ente, para a questão fundamental (*Grundfrage*), a saber, como o ser (*Seyn*) se essencializa em sua verdade (cfr. HEIDEGGER, 2003b, p. 6; tr. esp., p. 24). Nessa transição, então, consuma-se a passagem do primeiro para o outro princípio da história do ser, a qual se realiza num jogo de mútua ressonância entre ambos. Por virtude desse jogo, a absoluta predominância do ente no final do primeiro não atesta a definitiva aniquilação do ser, mas testemunha aquele excedente oculto como o traço essencial da verdade do ser, vindo a ser experimentado como o fundamento abissal (*Abgrund*) do ente. Tal passagem, porém, não é automática, não ocorre instintivamente no fluxo do tempo, mas deve ser preparada justamente mediante a decisão que cria a existência humana como o espaço-tempo deste acontecimento. A filosofia, enquanto esse questionamento da verdade do ser, portanto, figura-se como a ousadia do pensar – isto é, de saltar para uma experiência outra, negando todo apoio e proteção dos esquemas e sistemas filosóficos já construídos, de toda consideração historiográfica da filosofia, assim como toda tentativa de assegurar o pensar na certeza de um fundamento previamente dado à mão ou simplesmente subsistente em si, ultrapassando a história do primeiro início (a metafísica).

Não é, portanto, substituindo um problema tradicional por outro, inventando novas orientações para as disciplinas, que a filosofia ousa ser o pensar principiante de outra história do ser, mas somente à medida que é capaz de fundar novamente a existência humana. Ora, essa fundação possui por meta transformá-la em clareira de iluminação do ocultamento da verdade do ser. O característico dessa fundação, então, é que o homem, pondo-se como questionador ou buscador, torna-se o fundador do abismo do ser (cfr. HEIDEGGER, 2003b, p. 7, 29; tr. esp., p. 24, 41). Na verdade, o questionar, que define a filosofia, segundo o pensamento da verdade do ser, é simplesmente ser a fundação que instaura o abissal do ser na existência. É o que sintetiza Heidegger em algumas anotações, pensadas como prolongamento dos *Beiträge zur Philosophie*:

Filosofia é fundação. Fundadores são aqueles que, transformando-se a essência do ser (*Seyn*), trazem sua essencialização para o fundamento de uma essência originária da verdade. Criadores, em contrapartida, nunca renovam e ampliam senão o ente. Todo fundador é – em uma sequência que lhe é indiferente – também um criador. Nenhum criador é um fundador. Os fundadores são raros dentre os solitários. Eles possuem o seu elemento ‘único’ no fato de que nunca encontram previamente dado

aquilo que lhes dá posição e apoio, mas precisam projetá-lo e suportá-lo sem proteção e sem apoio como aquilo que há mais digno na questão⁷ (HEIDEGGER, 1997, p. 60; tr. por., p. 58).

Fundar é principiar, o que pressupõe e comporta a experiência de transformação: não somente da essência metafísica do ser (verdade como retidão), estabelecendo um fosso entre a vindoura história do ser e a metafísica (HEIDEGGER, 1997, p. 66; tr. por., p. 65), mas também da essência do homem. Nesse caso, determinar uma ainda não vista essência da verdade e a transformação do homem em espaço favorecedor do abismar do ser (em *Da-sein*) não são duas coisas diversas, mas uma só (cfr. HEIDEGGER, 1992, p. 214; tr. it., p. 151-52). A filosofia, portanto, pode ser descrita como a mais essencial transformação que o homem pode experimentar. Por isso, querer exaltar a filosofia, tendo-a por uma das mais nobres peças do arcabouço cultural ou a configuração por excelência do espírito de um tempo, seria um dos mais graves desconhecimentos da natureza do pensar. Antes, a filosofia é a obra do pensamento em que o homem se destina para si mesmo, mas enquanto o pensar é capaz de criar a partir do nada historicamente dado, isto é, fundar. E isso significa: suportar, conforme o indicado pelos *Beiträge*, com seu estilo sóbrio e contido, a “mudança essencial do homem de ‘animal racional’ (*animal rationale*) ao *Da-sein*”⁸ (HEIDEGGER, 2003b, p. 3; tr. esp., p. 21).

Certamente, o esforço de Heidegger é apreender o sentido desta transformação sob o foco da experiência do pensar, para determinar o essencial dessa experiência, sobretudo em seu caráter de ser um pensar em curso, isto é, na passagem para o outro princípio. Como dito, para a filosofia cumprir seu papel principiator, é necessário que o salto seja dado em direção ao questionar totalmente diverso, que não mais é representar e afirmar algo *sobre* algo, portanto, que não se deixa computar como um dos modos que vigoram atualmente (cfr. HEIDEGGER, 2003b, p. 10; tr. esp., p. 27; 1997, p. 66; tr. por., p. 65). Antes, com o salto introduz-se no questionar que persiste como a apropriação de uma nova essência para o

⁷ „Philosophie ist Gründung. Gründer sind jene, die, das Wesen des Seyns wandelnd, seine Wesung auf den Grund eines ursprünglichen Wesens der Wahrheit bringen. Schaffende dagegen erneuern und vermehren je nur das Seiende. Jeder Gründer ist – in einer ihm gleichgültigen Folge – auch ein Schaffender. Kein Schaffender ist schon ein Gründer. Die Gründer sind die Seltenen der Einsamen. Ihr Einziges »besitzen« sie in dem, daß sie, was ihnen Stand und Halt gibt, nie vorfinden, sondern als das Fragwürdigste entwerfen und schutz- und stützenlos aushalten müssen“.

⁸ „Nicht mehr handelt es sich darum, »über« etwas zu handeln, und ein Gegenständliches darzustellen, sondern dem Er-eignis übereignet zu werden, was einem Wesenswandel des Menschen aus dem »vernünftigen Tier« (*animal rationale*) in das *Da-sein* gleichkommt“. Tradução minha.

homem, que é o *como* dessa aquisição, e somente possui algo a dizer unicamente a *partir da* experiência que forja a essência do homem vindouro. Assim, a transformação inicia-se com uma espécie de deslocamento existencial (*Verrückung*) do existir humano (HEIDEGGER, 1992, p. 214-15; tr. it., p. 152): a mudança do seu lugar e posição atual – a saber, diante dos entes, no esforço de apoderá-los com uma violência tendente a adquirir a dimensão do gigantesco, a partir de cuja postura todo ente se torna factível e obra de suas mãos, principalmente no representar servil à técnica moderna⁹ - para dentro da questão da verdade do ser, encontrando ali uma posição mais fundamental. Nessa outra postura, como descrevem os *Beiträge*, o essencial reside em permitir ser apoderado pelo acontecimento que conduz o homem ao próprio de si mesmo, o *Er-ignis*¹⁰. Enquanto experiência de transformação da essência humana, então, a filosofia é saber dessa entrega ao *Er-ignis*, sem outro fim que consumir essa entrega. Qualquer outro saber sobre os entes é fuga do essencial e busca de apoio para evitar a mudança de posição, no sentido que desinstala o homem da questão e descentra a existência do embate com o ser, necessário para fundar a sua verdade. De outro modo, se a filosofia encaminha-se nessa transformação rumo ao próprio, ela deve erigir um saber responsável por inserir, em modo insistente, o homem na clareira da verdade do ser, fundando-o no *Da-sein* e, assim, possibilitando-o suportar criativamente a ausência abissal do ser. Em síntese, o sentido da transformação que o homem poderá sofrer, caso ainda seja capaz de dispor-se a conquistar outra postura fundamental em meio ao ente pelo filosofar, é de se tornar abissal ele mesmo no fundamento de sua essência (cfr. HEIDEGGER, 1997, p. 45; tr. por., p. 44).

⁹ Fenômeno nomeado por Heidegger de *Machenschaft*, maquinação (cfr. HEIDEGGER, 2003b, p. 130-34; tr. esp., p. 116-19; 1997, p. 16-25; tr. por., p. 18-27). Uma descrição sob o foco de uma figura essencial para descrever o fim da história do primeiro princípio encontra-se em *L'altro inizio del pensiero* (STRUMMIELLO, 1995, p. 68-73).

¹⁰ A palavra *Ereignis* possui uma pluralidade semântica. Em princípio, *Ereignis* designa “a essencialização do ser (*Seyn*) mesmo” (cfr. HEIDEGGER, 2003b, p. 7; tr. esp., p. 24), mas em toda plenitude desse acontecimento, sobretudo incluindo o que é protegido da essência do ser ao ocultar-se. Hifenizada, porém, reforça-se o necessário pertencimento do homem ao acontecimento, mediante a acentuação do radical *eigen* (próprio, singular). Nisso, vigora apenas um lampejo da iluminação do ser, que o homem deve pensar ao consumir uma só possibilidade histórica de transformar-se na clareira da verdade, isto é, singularizando-se e conquistando o seu próprio.

2. Pertinência, indigência, (auto)meditação

No sentido assinalado acima, a transformação exigida estabelece a intimidade entre ser e homem, gerando um vínculo não baseado na relação entre duas coisas já dadas previamente, mas antes sustentado no fundamento que tolhe toda tentativa de assegução e reificação, dado que não dominável, sempre insuperável, não considerado ainda em sua largueza e amplidão, isto é, abissal. Por isso, o vínculo que nele surge é a referência em que os nela vinculados, o homem e o ser, se determinam dinamicamente (isto é, historicamente) e em mútua dependência ao fundar o fundamento. Tratar-se-ia, então, de uma intimidade esquecida, porque ao longo do primeiro início o homem se acostumou a afastar-se de tudo que é incerto, indeciso, daquilo que ainda hesita na sua essência, e a tranquilizar-se na certeza dada pela representação do ente como algo efetivo e pela comprovação do ser como a efetividade daquele. Ao contrário, o pensamento da passagem não pode aspirar essa tranquilidade, simplesmente pela razão que pode alcançar nada além daquilo que os *Beiträge* admitem como significado do ser apropriado pelo *Ereignis*: “um pertencer pensante-dizente ao ser (*Seyn*) e na palavra ‘do’ ser (*Seyn*)”¹¹ (HEIDEGGER, 2003b, p. 3; tr. esp., p. 21). Não podendo assegurar-se em algo fora desse âmbito, este fazer-se pertencente ao ser é aprender que a existência humana se ancora em porto seguro senão permanecendo junto ao abismo do ser (*Seyn*).

Assim, a transformação também é a experiência, que nasce e se nutre a todo o momento da constrição da falta de todo apoio e proteção. Certamente, tal experiência passa-se pela aparência de aniquiladora e deve necessariamente ser tomada por inútil, mas na verdade é ela o impulso para o questionar (cfr. HEIDEGGER, 2003b, p. 10; tr. esp., p. 26). Com efeito, a constrição é o assalto da ausência do ser, a qual incomoda ao homem em qualquer lidar com o ente. Dela surge a necessidade de voltar-se do usual e seguro para o imprevisível, num movimento de viragem para a vizinhança do ser - ameaçadora a quem busca no fundamento como certeza absoluta, porque abissal - e mais próxima ainda que a do ente, pois é pertencente à existência humana. Somente assim, isto é, na experiência da ausência incontornável que atinge o homem a partir de uma íntima proximidade, o ser se converte no

¹¹ „ein denkerisch-sagendes Zugehören zum Seyn in das Wort »des« Seyns“. Tradução minha.

mais digno de se questionar. Então, a vastidão inesgotável do mistério do ser torna-se uma questão necessária, porque enraizada na constrição mais extrema: “a filosofia, enquanto a primeira e extrema meditação a respeito da verdade do ser (*Seyn*) e do ser (*Seyn*) da verdade possui a sua necessidade na primeira e extrema constrição”¹² (HEIDEGGER, 2003b, p. 45; tr. esp., p. 52-3). Desse modo, a necessidade do questionar não é lógica, mas o imperativo que estringe existencialmente, desde o mistério do ser mesmo, a pensar a vizinhança do ser. “Questionar é a liberação para o coagente oculto”¹³ (HEIDEGGER, 2003b, p. 10; tr. esp., p. 26), resume Heidegger.

É em virtude dessa experiência da constrição essencial e oculta, proveniente do cerne da existência, isto é, que *pertence* à essencialização do homem, como *Da-sein*, como lugar-tempo de abrigo do abismo do ser, que a filosofia se afirma como o saber inútil e, não obstante, senhorial (cfr. HEIDEGGER, 2003b, p. 36, 43; tr. esp., p. 46, 51). A dominância senhorial do filosofar, porém, é a força da carência que constringe um saber acerca do *Er-eignis*, estreitando os vínculos da pertinência homem-ser no horizonte do nada – então, a dominância do ser vigora somente à medida que ele precisa do homem para fundar sua verdade. Esse saber, portanto, diferentemente de todo *conhecimento* (por afirmar-se como saber *sobre* o ser do ente, consumir-se na maioria das vezes desobrigado de um vínculo para com o ser), não se adquire previamente e sem participação naquilo que está por saber, mas somente dá-se na e como apropriação do homem de si mesmo. Assim, trata-se de um saber de si mesmo, certamente, no envio de determinada pertinência na verdade do ser. É um saber histórico, logo, uma meditação (*Besinnung*) da verdade do ser, mas que se desdobra necessariamente como automeditação (*Selbstbesinnung*); é somente como tal, que o homem se joga dentro da verdade do ser (cfr. HEIDEGGER, 2003b, p. 44, 48-9; tr. esp., p. 52, 55-6).

¹² “Die Philosophie als die erste und äußerste Besinnung auf die Wahrheit des Seyns und das Seyn der Wahrheit hat ihre Notwendigkeit in der ersten und äußersten Not“. Tradução minha. Em português não é imediatamente evidente a ligação etimológica, como na língua alemã, entre as palavras constrição (*Not*) e necessidade (*Notwendigkeit*). Com efeito, a formação desse último vocábulo, segundo o *Deutsches Wörterbuch Grimm*, obedece à seguinte compreensão: voltar (*wenden*) para uma carência, dominando-a ou pondo-a de lado; voltado e situado numa carência, ser por ela constrangido e, suportando-a, produzindo ou criando algo (*hervorbringen*) a partir dela – o que permite a Heidegger afirmar na mesma página acima citada: „*Alle Notwendigkeit wurzelt sich in einer Not*“, “toda necessidade se enraíza em uma constrição”. Com isso, indica-se que a obra que o homem pode produzir, mediante a pertinência ao ser pelo pensamento, pressupõe uma necessária constrição epocal, provinda da iluminação do ocultamento do ser. O “efeito” dessa constrição, porém, é o estringir o homem ao ser, o apertar do vínculo de pertinência de um ao outro, à medida que força o homem voltar-se para mistério do ser.

¹³ „*Fragen ist die Befreiung zum verborgen Zwingenden*“.

Filosofia é saber dominante, desde quando o homem é forçado a colocar a pergunta sobre si mesmo, desde que é imperiosa a questão “quem somos nós?”. Como compreender essa afirmação? Como afastá-la de todo psicologismo e não transformar a questão em torno à nossa essência na pergunta pelo eu, a qual guiou toda a filosofia moderna (quando a reduziu ao problema da doação imediata do ego para si mesmo sob o critério da busca de certeza absoluta)?

A resposta é possível apenas retomando o âmbito de fundação da verdade do ser, no qual, pelo pensar em transição para o outro princípio, o homem deve se colocar como buscador da verdade do ser, projetando criativamente o âmbito que suporta a clareira do abismar do ser, em síntese, transformando-se em *Da-sein* (cfr. HEIDEGGER, 1997, p. 50; tr. por., p. 48). Por isso, de antemão, deve-se precaver de um engano: consideradas as figuras que indicam, respectivamente, o primeiro e o outro início, a saber, o *animal rational* e o *Da-sein*, sem se ater à constrição da necessidade que rege aquela experiência de transformação, crendo rapidamente que o pensar principiador consistiria apenas na invenção de novos conceitos para definir a essência do homem. Assim, substituir-se-ia a determinação metafísica de homem por outra, mas dando por compreendida qual é a essência do homem – *quem é o homem* seria justamente o que permaneceria não interrogada radicalmente. Se, porém, não se perde de vista seu núcleo forçoso e constringente, essa experiência representa uma radical inquietude¹⁴ (cfr. HEIDEGGER, 1997, p. 55; tr. por., p. 54), que atinge a existência histórica no seu todo e do início ao fim de seu curso em dada época. Ora, existir no assalto da ausência em todo lidar com o ente e, antes de tudo, que emerge do próprio âmago significa estar exposto permanentemente a um mistério, que jamais se resolve ou se desvenda totalmente. Nesse mistério, está imerso o “eu”, o “nós”, isto é, o homem como tal. Assim, dispor para a fundação da verdade do ser requer a prontidão para suportar um turbilhão que move a querer saber sobre quem é si mesmo. Por essa razão, a questão da verdade do ser comporta em si a questão pelo ser *propriamente* si mesmo (*Selbst-sein*) enquanto essência da ipseidade (*Selbstheit*) do homem (cfr. HEIDEGGER, 2003b, p. 51; tr. esp., p. 57).

¹⁴ A palavra traduzida por inquietude é *Unruhe*, cujo uso indica uma ausência de tranquilidade consigo mesmo, com o sentido do existir no todo. Deve-se evitar a confusão com o não estar em casa consigo mesmo, a *Aufenthaltslosigkeit*, oriunda da curiosidade de tudo querer saber, passando rapidamente de novidades em novidades, do tomar conhecimento a respeito de um ente, sem reter-se em si e no sentido do acontecimento das coisas, conforme descrita em *Sein und Zeit* (cfr. HEIDEGGER, 2006, p. 172-3, tr. por., p. 234). Antes, esta inquietação é uma contenção meditativa, circunspecta no fato que em todo ente reina a ausência do ser.

Contudo, a questão acerca do *quem* somos (a *Werfrage*), instalada a partir da inquietação para com o próprio de ser si mesmo, retira-se de todo mero operar ou agir, como também do puro teorizar (cfr. HEIDEGGER, 2003b, p. 49-50; tr. esp., p. 56). Em direção oposta ao agir e operar, essa questão é um retroagir, mas enquanto a postura fundamental de quem dá um passo atrás, em sentido a si mesmo, retrocedendo a qualquer efetivação ou operação¹⁵. Em contrapartida, sendo uma postura fundamental, com a pergunta não se *ocupa* de nós mesmos, portanto, também não é ensimesmamento teórico, re-flexão, ou seja, autoinvestigação com objetivos cognoscitivos de caráter psíquico-antropológico (cfr. HEIDEGGER, 1998a, p. 53; tr. por., p. 105). Nestas impositões da questão, embora se possa problematizar *quem* somos, falta justamente a questão se o que somos é o que devemos ser para *sermos propriamente* nós mesmos. Na verdade, para elas já está decidido quem somos e, o que as retém na superfície do questionamento, são modos que não dispõem para a decisão de sermos propriamente nós mesmos. Contudo, a falta não é de ordem moral, mas da carência que faz saltar dentro da verdade do ser; são interrogações conformes à época da ausência de constrição.

Ao invés, a questão que se intenta com a *Werfrage* é a situação, em que o homem se instala e move-se, quando tomado por uma tonalidade afetiva fundamental responsável por fazê-lo alcançar o âmbito de acontecimento (*Geschehnisbereich*) e consumação do seu ser si mesmo (cfr. HEIDEGGER, 2003b, p. 51; tr. esp., p. 57). Esse âmbito é movimento da história, mas que não se move por si mesmo, simplesmente porque a existência humana transcorreria dentro do tempo, mas porque o homem foi lançado pelo ser (*Seyn*, enquanto fundamento abissal) como o lançador do projeto da totalidade do ente (o ser – *Sein*) (cfr. HEIDEGGER, 2003b, p. 45; tr. esp., p. 53). Deste estar-lançado (*Geworfenheit*), a inquietação, suscitada no homem pela constante ameaça em todo ser e agir, é apenas o sintoma, se assim é dado dizer. Nesses termos, o que inquieta o homem, em cada época, é o mistério de ser um projetor já lançado (*geworfener Werfer*), isto é, que em toda decisão de ser (e não ser), de agir (e não agir), operar (e não operar), o homem já encontra situado em um sentido do ser (*Seyn*). No fundo, a questão “quem somos?” é acerca da pertinência à verdade do ser, do quanto o homem libera a si mesmo para vincular-se à fundação do ser. Por isso, a questão “quem somos?” se confunde

¹⁵ A famosa carta a J. Beaufret, *Brief über den »Humanismus«* (Carta sobre o humanismo), porém, acentua que o agir originário reside fora dos padrões da efetivação (cfr. HEIDEGGER, 2004, p. 312-13; tr. por., p. 326-27). Nesse caso, a retroação promovida pela pergunta por “quem somos nós?” culminaria em uma específica ação, aquela do pensar, a saber, consumir a referência do homem para com o ser. Interrogando quem é em modo originário, então, homem se engajaria “pela e para a verdade do ser”.

com o projeto de jogar luz no todo a partir de determinada iluminação do ser (*Seyn*), no qual o homem também ilumina para si mesmo o mistério de si, porque seu ser si mesmo é inseparável do projeto (*Entwurf*) de fundar o ente no seu todo no abismo. Sua elaboração, como meditação em torno “quem somos”, é o ininterrupto movimento de projetar a si mesmo, a partir do encargo de desvelar o todo, colocando o homem como *Da-sein* simplesmente como um ser em posição intermédia, como um canal condutor, situado no delgado e constrito interstício entre ser (*Seyn*) e ente.

Resumindo, a respeito da origem do pensar em transição e necessidade de ser realizado como (auto)meditação:

A necessidade da filosofia consiste em, como meditação, não ter que eliminar aquela indigência, mas sim suportar e fundar, para convertê-la em fundamento da história (*Geschichte*) do homem¹⁶ (HEIDEGGER, 2003b, p. 45; tr. esp., p. 53).

Em contrapartida [à fuga do circuito de fundação essencial do homem], a meditação concentra-se no sentido do que há primeiro: o fato que o homem seria para si mesmo um mistério inexponível, sem considerar aí da maneira mais íntima possível o ‘eu’ e o ‘nós’. Todavia, esse ser um mistério não se deixa impor e instalar – só o homem pode permitir algo assim, na medida em que não se defende, apartando-se em subterfúgios de uma suposta ‘ciência’ do ‘homem’. Esse mistério, porém, em cuja guarda o homem funda o voltar-se para ele mesmo, é o encobrimento de o fato de o homem estar articulado com a verdade do ser, que se mantém pronto para o espaço de jogo da decisão, na qual acontece apropriativamente o vir ao encontro da essência do homem e da divindade dos deuses. Este abrigo encobridor é algo simples, não necessita, para ser sustentado, de nada habitual, mas joga no abismo do *Da-sein* uma inquietude, que permanece a fornalha de toda a história¹⁷ (HEIDEGGER, 1997, p. 55; tr. por., p. 53-4).

¹⁶ „Die Notwendigkeit der Philosophie besteht darin, daß jene Not nicht beseitigen, sondern ausstehen und begründen, zum Grund der Geschichte des Menschen machen muß“. Tradução minha.

¹⁷ „Dagegen sinnt die Besinnung auf das Erste: daß der Mensch sich selbst ein unaussetzendes Geheimnis sei, ohne das »ich« und das »Wir« im geringsten wichtig zu nehmen. Doch dieses Geheimnis sein läßt sich nicht verzwängen und einrichten – nur zulassen kann der Mensch Solches, sofern er ihm nicht wehrt dadurch, daß er in Ausflüchte einer vermeintlichen »Wissenschaft« vom »Menschen« ausbiegt. Jenes Geheimnis aber, in dessen Bewahrung der Mensch die Zukehr zu ihm selbst gründet, ist die Verbergung der Zugewiesenheit des Menschen in die Wahrheit des Seyns, das sich zum Entscheidungsspielraum bereithält, darin sich die Entgegnung des Wesens des Menschen und der Gottschaft der Götter ereignet. Dieses Verbergende Bergen ist ein Einfaches, bedarf, um bestanden zu werden, keines Ungewöhnlichen, wirft aber in den Abgrund des Da-seins eine Unruhe, die der Herd aller Geschichte bleibt“. Tradução modificada.

3. A história e o pensamento principiador (*anfängliches Denken*)

O pensamento, assaltado pela questão acerca de quem é propriamente o homem, somente pode respondê-la à medida que seu meditar desdobra a história, porque essa, originariamente, não é ciência nem conjunto dos feitos objetivos do homem, mas sim o curso daquele projeto de fundação pensante do ente no abismo do ser. História é “a conquista árdua da verdade do ser (*Seyn*) para a guarda em meio ao ente e, com isto, o trazer-o-ente-à-aparência como o vir-a-se-encontrar-no-interior da *clareira*”¹⁸ (HEIDEGGER, 1997, p. 168; tr. por., p. 148). Acontece a história, portanto, se, em raros instantes, o ser se aclara e irradia apenas um lampejo da sua verdade, iluminando o todo, mas também se o homem se transforma naquele que custodia esse clarão momentâneo do ser (*Da-sein*). Como essa transformação é decisão de pertencer ao ser e de cuidar para que o lampejo da verdade do ser não se apague definitivamente, mas se mantenha cintilante, isto é, de sustentá-lo (iluminando-se e ofuscando-se) e desdobrá-lo em ações, obras e criações que caracterizam determinada época e representam o árduo esforço de fazer mais claro e compreensível a totalidade que homens historicamente habitam, tudo isso quer dizer que a história se constrói em estreita ligação com a liberdade humana. Esta, no entanto, é a liberação para favorecer a maturação da existência histórica dos homens em uma época.

Por conseguinte, a questão que move essa decisão livre, “quem somos nós?”, mediante a inquietação por ela promovida, não é originariamente respondida com a autoconsciência do ego, desvinculado do todo e resolvido numa evidência absoluta, nem com a constatação da identidade psíquica de um indivíduo em particular. Ao contrário, encontra-se uma resposta autêntica ao longo do questionar, no qual quem questiona se compromete e se afirma como lançador do seu destino a partir de um projeto prévio e maior que ele, que pertence tanto aos homens antepassados quanto aos que virão. A resposta, porém, é singular. A singularidade do homem, no entanto, superando a egoidade, funda-se no ser propriamente si mesmo a partir de um envio prévio – o *Da-sein* é *cada vez meu (je meines)*, mas sempre situado dentro na verdade do ser (M. HEIDEGGER, 2003b, p. 68; tr. esp., p. 69). Por isso, uma resposta singular é o corresponder a um clamor da verdade do ser (cfr. HEIDEGGER, 2003b, p.

¹⁸ „Erringung der Wahrheit des Seyns zu Verwahrung in das Seiende und damit da Zum-Erscheinenbringen des Seienden als Hereinstand in Lichtung“.

56; tr. esp., p. 61) - aquele impacto da curta cintilação da verdade a ser custodiada na memória criativa das obras e dos feitos históricos -, que toca cada qual, enquanto um ente histórico exposto junto com outros à mesma totalidade do ente, mas que ultrapassa a todos esses. Assim, singular é o projeto de determinação da unicidade do ser (*Seyn*), que cada época é responsável por consumir por meio dos fundadores. Esses assim são, porque, meditando o único digno de se questionar, sentem-se coagidos a tomar posição diante do fato de já serem situados no ser, na retomada do caminho dos que já se foram e preparando-o para os que virão. Por isso, a singularidade de cada fundador, com efeito, é sua postura fundamental para com a verdade do ser, por exemplo, dos pensadores¹⁹, poetas ou estadistas que estão no surgimento de um povo. É neste modo, a saber, que cada época através de seus fundadores está constrangida a posicionar na essencialização da verdade, dando ao ser uma resposta e dizendo para nós mesmos cada vez quem somos como entes históricos, que se retém a abertura do projeto conformador da história.

Tudo isto, porém, está a afirmar que somente mediante a fundação como projeção da verdade do ser, a história se configura e se desenrola segundo a sua essência. Já foi esclarecido que filosofia é fundação da verdade do ser. Por conseguinte, na postura fundamentalmente conformadora da história também se encontra a tentativa de compreender o questionar que define a filosofia como pensamento a serviço do ser na passagem ao outro princípio – o pensar principiador (*anfängliches Denken*). Se tal questionamento é compreendido, como aquele projeto de desvelamento e singularização da existência histórica dos homens a partir de um lampejo da verdade do ser, então, o filosofar é a tarefa da existência humana de constituir-se e desdobrar-se nas conjunções de sentido que formam a história. Nesse sentido, o empenho do filosofar é instaurar a historicidade de uma época. Desse modo, a elaboração da principal questão do filosofar, a questão do ser - e enquanto a *inevitável* questão da verdade do ser em virtude de sua necessidade constritora -, somente pode ser cumprida pelos homens *na* história, não como algo adicional e ilustrativo de uma época, mas para consumir a história que nasce do questionamento dessa questão. A filosofia, enquanto pensamento da verdade do ser, então, é ela mesma em originando a história do ser. “Todavia, a filosofia não é nenhum construto humano, mas um curso da *história* da verdade

¹⁹ Por isso, a diversidade de filosofias e de “verdades filosóficas” na história da filosofia. Cada qual, sendo conforme a postura fundamental de um pensador singular, é excludente da verdade do outro pensador. Contudo, esse caráter excludente assinala o copertencimento das variegadas posturas fundamentais ao único a ser questionado (cfr. HEIDEGGER, 1997, p. 75; tr. por., p. 73-4).

do ser (*Seyn*), uma história na qual acontece para a essência do homem o voltar-se e o retirar-se do ser (*Seyn*)”²⁰ (HEIDEGGER, 1997, p. 64; tr. por., p. 63). Assim, filosofando, o homem funda a história, mas o seu fundado não lhe “pertence”, isto é, não lhe é dado apossar e apoderar de sua obra. A história, portanto, coloca a questão de um pensamento possível somente se vivendo de “contradições”: por medir-se com o que há de mais elevado e simples é saber senhorial, mas se no seu íntimo é por ele obrigado e coagido (cfr. HEIDEGGER, 2003b, p. 59; tr. esp., p. 63); é imperioso, mas se é servo da verdade do ser; é criador, mas se não se faz princípio da sua criação, devolvendo o criado para sua fonte; é principiador, mas o princípio do que ele inaugura não reside em si.

Mas, segundo os *Beiträge*, essa ambiguidade é justamente a identidade do pensar que deve possuir o caráter de projeto (cfr. HEIDEGGER, 2003b, p. 56; tr. esp., p. 61), necessário para passar além da metafísica e inaugurar o seu outro início. De fato, a essência do projeto aqui pensado constitui em recolocar no fundamento (como *Ab-grund*) o que, em realizações e desdobramentos, foi por ele inaugurado. A totalidade do ente, por exemplo, deve ser restaurada no clarão da verdade, assim como a existência e todas as obras que ela produz como história. O segredo desse pensamento é fazer a totalidade que define uma época repousar no fundamento oculto do ser (*Seyn*). Por isso, antes de tudo, ele é devolução, semelhante a um gesto de gratidão que reconhece a origem do que se obtém a um dom prévio, mesmo que o dom tenha depois se apresentado para quem o recebeu como a exigência e o desafio de uma conquista. Diferentemente do pensamento metafísico finalizado na técnica, devolvendo e nada retendo (isto é, fundando no fundamento oculto, não em si como sujeito da criação), o pensar principiador é de novo arte²¹, como era a *téknh* no princípio da metafísica²² (cfr. HEIDEGGER, 1992, p. 177-80, tr. it., p. 126-27), no sentido que

²⁰ „Die Philosophie ist gleichwohl kein menschliches Gebilde, sondern ein Gang der Geschichte der Wahrheit des Seyns, in welcher Geschichte dem Wesen die Zukehr und die Abkehr vom Seyn geschieht“. Grifo de Heidegger.

²¹ Nenhuma referência imediata à arte enquanto setor da cultura. A essa, a referência somente pode ser indireta, porque mediante a sua essência de pôr em obra a verdade do ser e, assim, criar e proteger a existência histórica de um povo (cfr. HEIDEGGER, 2003a, p. 64-5; tr. por., p. 83-4).

²² Aqui, a *τέκνη* é compreendida como a postura fundamental que retém o ente na sua totalidade enquanto φύσις no descobrimento ou ἀλήθεια. Em síntese, a postura caracterizadora da *τέκνη* quer dizer cuidado que deixa ser e crescer o ente a partir de si: “conceber o ente que surge a partir de si naquilo como se mostra, no seu aspecto, εἶδος, ιδέα, para cuidar e fazer crescer segundo seu aspecto e, respectivamente, instalar-se em meio ao ente no todo através de produção e disposição daquele a que se corresponde. A *τέκνη* é o modo de proceder *diante* da φύσις, porém, *aqui*, ainda não para dominá-la e explorar e, antes de tudo, não para fazer do usufruto e do cálculo um princípio, mas, ao contrário, para reter a regência da φύσις no desvelamento”

sua essência projetiva é deixar crescer, medrar, silenciosamente fazer erigir até fazer aparecer a totalidade do ente na sua plenitude, consumando determinada época. Por essa razão, nos *Beiträge*, frequentemente é distinguido como *Er-denken*, cujo prefixo (*er-*) confere o sentido de pensar originário, mas que também indica, recordando o significado usual, o imaginar e o inventar uma obra depois de longa meditação e embate com seu princípio. Contudo, nessa direção, o imaginar não é formar a imagem mental de algo não presente, nem o inventar é o idealizar do que ainda não há, mas o confronto com o arrebatamento do ser que o homem deve sofrer e suportar, longamente meditar, caso queira engendrar a história. Aqui, como o que precisa ser criado doa-se em precedência, uma cintilação da verdade do ser; não se necessita que seja imaginado e inventado segundo os significados usuais.

Desse modo, o homem engendra a história, se deixa ela ser a história do desvelamento-ocultamento, que pertence principalmente ao ser, restituindo a ele o que vem dele mesmo - assim como o pensamento, a história é *do* ser (genitivo subjetivo), pertence à essencialização da verdade dele, somente na qual a filosofia possui a sua história (cfr HEIDEGGER, 1997, p. 53- 54; tr. por., 52; 2004, p. 316; tr. por., p. 329). Contudo, não se trata de uma subserviência a uma força oculta e enigmática presente na história, levada a cabo pelo servilismo de um pensar debilitado (subjetividade enfraquecida) a uma suposta vontade imperiosa do ser, porque nisso também o homem se engendra, se se mede com o relampejar da verdade do ser, expondo-se cada vez mais decididamente, sem apoios e proteções, somente pela paixão de apropriar-se. Assim, como saber do *Er-eignis*, a longa meditação histórica da verdade do ser é também automeditação e, como tal, o velho amor ao saber, somente que no ímpeto e decisão de iniciar de novo o seu princípio (cfr HEIDEGGER, 1997, p. 63- 64; tr. por., p. 62-3).

Para isso, como dito, é necessário fazer repousar o fundado no fundamento. Consequentemente, o pensar principiator, como *Er-denken*, é também *Er-gründen*, o fundar originário (cfr. HEIDEGGER, 2003b, p. 56; tr. esp., p. 61), que, sondando as profundezas

(HEIDEGGER, 1992, p. 179-80; tr. it., p. 127): „das von sich her aufgehende Seiende in dem fassen, als was es sich zeigt, in seinem Aussehen, εἶδος, ἰδέα, um diesem gemäß das Seiende selbst zu pflegen und wachsen zu lassen bzw. durch Herstellung und Aufstellung von Entsprechendem innerhalb des Seienden im Ganzen sich einzurichten. Die τέκνη ist die Weise des Vorgehens gegen die φύσις, aber hier noch nicht, um sie zu überwältigen und auszunutzen, und vor allem nicht, um Nutzung und Berechnung zum Grundsatz zu machen, sondern umgekehrt, um das Walten der φύσις in der Unverborgenheit zu halten“. Tradução minha, grifos de Heidegger). Como se vê nessa descrição, a arte não é tanto um saber técnico de como fabricar algo ou inventar um objeto estético, mas muito mais a solicitude que liberta cada coisa e o próprio homem para ser no todo.

abismais do ser, tudo nela refunda²³. O fundar originário do pensar principiadador, então, não apenas assenta a existência no âmbito abismal do ser, mas também cada coisa, recolhendo-as e retendo-as no mistério do ser. Dá-se, assim, a impressão que atingido esse estágio, o pensar se aquietaria numa imperturbável tranquilidade, da qual não seria demovido por nenhuma questão acerca de si nem sobre as coisas. Contudo, esclarecem os *Beiträge*: “à medida que inaugura o mais digno de ser questionado, consoma a dignificação e, com isso, a mais alta transfiguração daquele, sobre o qual o questionar repousa, ou seja, não *cessa*. Pois, ao contrário, *ele*, o questionar, poderia não repousar como o inaugurante”²⁴ (HEIDEGGER, 2003b, p. 57; tr. esp., p. 61). Somente no movimento do questionar, então, o pensar está em si mesmo e encontra paz. Seria, por conseguinte, uma desfiguração da identidade dinâmico-fundacional desse pensamento principiadador, se tido que, depois de estabelecido o início do outro princípio, ele poderia dar por terminada sua busca e aquietar-se com os resultados obtidos. Não se trata, porém, de um pensamento orientado a resultados, mas à realização de si mesmo como história do ser. Assim, a inauguração do início é apenas o primeiro arranque que põe em marcha outra determinação do ser, para qual se necessita de séculos de esforços, de embate com o que veio à luz com os primeiros pensadores gregos, como foi necessário para realizar a história da metafísica. Por conseguinte, inaugurando outra vez o início, o pensar principiadador também inaugura a si como uma longa tarefa porvindoura e, agora, no

²³ Nos *Beiträge*, há uma família de palavras que se constelam em torno da palavra *Grund* (fundo, fundamento): *Abgrund*, *Gründung*, *Ergründung*. Trata-se de conceitos fundamentais para essa obra. Desse modo, é imprescindível compreendê-los e também o nexos interno dos mesmos, para poder avaliar todo o pensamento maduro de Heidegger. Para uma visão geral a respeito, remete-se o leitor a *I concetti fondamentali dei «Beiträge» di Heidegger* (MAGRIS, 1992, p. 258-61). Por ora, ressalta-se que *Ergründung* é o agir que funda a verdade do ser como um projeto histórico. Poder-se-ia traduzir essa palavra por refundação. Contudo, refundar não possui o significado de repor ou de colocar novamente um fundamento pré-dado, como por exemplo, os processos planejados de revitalização de uma organização. Antes, refundar é tornar mais fundo, profundar, reafundar ou re-aprofundar, isto é, assentar de modo inusitado a existência e o mundo humanos, enquanto possibilidade singular de uma época, no abismo (*Abgrund*) do ser. Enquanto acontecimento histórico, nem o homem com seu mundo nem o ser são fundamentos que possam ser somente renovados. Ao contrário, ambos estão por ser fundados e cada qual ao seu modo possui a necessidade de ganhar e mostrar historicamente sua profundidade. Assim, o dinamismo da história não é de relativização, mas de aprofundamento, isto é, de aquisição das condições em que qualquer obra humana possa manifestar o mistério do ser e devolvê-lo a seu abismo. Por conseguinte, o pensar originário (*erdenken*), em seu caráter histórico-essencial, isto é, enquanto possibilidade privilegiada da *Ergründung*, é a coragem para a fundação, mas isso enquanto disposição para penetrar e sondar o fundo sem fundo (*Ab-grund*) do ser. Ao termo “refundação”, então, deve-se associar a ideia de sondagem, enquanto saber que indaga e penetra no abismo do ser.

²⁴ „Wie aber ist das Er-denken des Seyns ein Aufruhen? Indem es das Frag-würdigste eröffnet, vollzieht es die Würdigung und damit höchste Verklärung von jenem, worin das Fragen aufruhet, d. h., nicht aufhört. Denn sonst könnte es, das Fragen, als eröffnendes nicht aufruhet. Aufruhet heißt, daß das Fragen hinfindet in den äußersten Schwingungsbereich, in die Zugehörigkeit zum äußersten Geschehen, das ist die Kehre im Ereignis“. Tradução minha, grifos de Heidegger. Inclui a próxima citação.

momento da passagem, a ele é dado apenas preparar um longo futuro. Por isso, essencialmente, o pensar principiador está sempre em passagem: ele torna a si mesmo através do caminho e cada paisagem aberta por este é imprevista e incalculável, porque dependente do princípio, em si abismal, que ele cada vez funda originariamente ao se pôr em marcha (cfr. HEIDEGGER, 2003b, p. 86; tr. esp., p. 83). O pensar que principia é em movimento, melhor, é o movimento incessante do questionamento conformador da história. Se o filosofar não é conforme esse dinamismo, não é pensamento, pois, para Heidegger o filosofar não pode ser senão como pensar inaugurador, que é cada vez começo e sempre tem que superar a si mesmo (cfr. HEIDEGGER, 2003b, p. 37; tr. esp., p. 47).

O estar em marcha, repetindo²⁵ em cada época o mesmo princípio e reinaugurando-o segundo a tarefa que cabe a cada uma delas, no entanto, significa dar um salto cada vez mais para dentro das profundezas do princípio de determinada época e trazer para fora as suas extremas e finais possibilidades. Por isso, o texto acima citado segue no seguinte modo: “repousar, significa que o questionar encontra o caminho para dentro do âmbito extremo de oscilação, para a pertinência para com o sumo acontecimento (*Geschehen*), isto é, a *viragem* (*Kehre*) no *Ereignis*”. Qual o sentido disso? Neste caso, que se tenha que encontrar o caminho significa que se trata de um pensamento provisório, indeterminado, capaz somente de entrever, dado que pensa o ainda totalmente desconhecido. Por isso, pensar é sondá-lo infatigavelmente e continuamente estar na disposição de mudar a cada passo, à medida que aquele se mostra na sua imprevisibilidade. Nessa condição de indefinição, no entanto, o pensamento está na possibilidade de apropriar o que é essencial para o pensamento em todo tempo: concentrar na sua própria origem (*Ursprung*), para ser cada vez o salto originário (*Ur-sprung*)²⁶ que gera a totalidade de uma época (cfr. HEIDEGGER, 1997, p. 53; tr. por., p. 52). Ora, essa origem é o ser (*Seyn*) em meio ao ente, é o princípio escondido que atravessa tudo o que é, permitindo-o que venha à luz. Saltando na sua origem, virando-se para o que o

²⁵ Sobre o significado de repetição (*Wieder-holung*) como retomada da unicidade do ser, cada vez que há de iniciar sua história em outra configuração epocal, cfr. § 20 dos *Beiträge* (HEIDEGGER, 2003b, p. 55; tr. esp., p. 60).

²⁶ Observe-se o jogo de palavras utilizadas, não passível de uma expressão correspondente em português: *Sprung* diz salto, em alemão. Por prefixação obtém-se a palavra *Ursprung*, origem. Assim, origem não é somente o que eclode, como a água que brota das profundezas da terra e forma a fonte, mas também, colocando em destaque o prefixo da palavra origem (*Ursprung*), indica que essa é alcançada mediante um salto originário (*Ur-sprung*). Isto é, somente pondo de lado a segurança do conhecido e a referência ao já estabelecido e fazendo o mesmo movimento de eclosão da origem a partir do abismal, é possível experimentar a origem (cfr. HEIDEGGER, 1998b, p. 4-5; tr. por., p. 37).

apropriada e fazendo-se pertencente ao âmbito oscilante *do ser* (oscilação entre claridade e ocultamento, fundamento e abismo, em síntese, a clareira para ocultamento), então, ele participa da geração de todas as coisas, à medida que, por intermédio desse âmbito, as coisas vem à luz. Aqui, ele repousa, mas esse repouso é agir criativo. Assim, enquanto movimento originador-pensante, ele renuncia ao intuito de ser um pensar de objetos, para ser somente fenomenologia, no sentido bastante específico e profundo, isto é, de trazer para aparência algo a partir de sua proveniência²⁷. Por essa razão, no que concerne à tarefa histórica do pensamento principiador, é válido dizer que esse pensamento não aniquila a meta-física. Para superá-la, antes, lança-a para dentro da proveniência de sua essência, se o pensar se converte em experiência de pertinência à origem.

Para tal superação da metafísica, o movimento originário-pensante do filosofar deve (ainda) se converter em simplesmente ser (no sentido verbal). E isso é o que se pretende mais decisivamente com o pensamento da história do ser. Tanto o *é*, que esse pensar é a *existência* se constituindo, é o *modo de ser* do homem em se produzindo historicamente e se transformando em *Da-sein*; dito com a terminologia dos *Beiträge*, fundando: “O encontrar caminho acontece no salto, que se desdobra como fundação do *Da-sein*”²⁸ (HEIDEGGER, 2003b, p. 57; tr. esp., p. 61). Também para esse pensamento, vale o que afirma Parmênides (apud DIELS, KRANZ, 1951, p. 231): *tó gâr autò noeîn êstín te kaì eĩnai*, “... pois o mesmo é pensar e ser”²⁹. Exclusivamente sendo, isto é, vigorando na origem e a serviço do movimento gerativo dela por meio do pensar, porém, o homem não se isola em si, porque produzir a existência não é fundamentá-la na autoevidência de um ego separado do mundo, mas deixar o ser (*Sein*) surgir e vigorar na proximidade. Quanto mais salta profundamente na origem, mais esse pensamento favorece o aparecimento do ente na totalidade, cumprindo a sua missão de determiná-lo historicamente. Assim, o pensar que experimenta o abismo da origem é aquele que também experimenta por dentro o âmbito no qual homem e o ente no seu todo (o ser, *Sein*) são remetidos um ao outro (cfr HEIDEGGER, 2006, p. 41; tr. por., p. 178). Pensando

²⁷ Este modo de compreender a fenomenologia transparece, nitidamente, em *Phänomenologie des gegenwärtigen Bewußtseins*, de ROMBACH (1980, p. 22-6). Com efeito, este autor, baseado na compreensão da fenomenologia como estrutura fundamental da concreta existência humana, isto é, como acontecimento mesmo da autofiguração da essência do ser humano no sua concretude, admite a fenomenologia como fenopraxis (*Phänopraxis*).

²⁸ „Das Hinfinden geschieht im Sprung, der sich entfaltet als Gründung des Da-seins“. Tradução minha.

²⁹ A tradução utilizada é de WRUBLESWKI, que intitula o poema de Parmênides como *Acerca da nascividade*, e encontra-se na coletânea *Os pensadores originários* (2005, p. 45).

originariamente, então, o homem gera sua existência, desdobra-a nas suas conexões internas, mas sem perder a referência para com a totalidade do mundo que habita historicamente. Antes, ele se gera como o lugar-tempo da posição intermediária entre o todo e o abismo do ser (*Seyn*), sustentando uma junção histórica entre um e outro.

REFERÊNCIAS³⁰

DIELS, Hermann; KRANZ, Walther. *Die Fragmente der Vorsokratiker*. Berlin: Weidmannsche Verlagsbuchhandlung, 1951.

HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*, GA 2. 19ª edição. Tübingen: Max Niemeyer: 2006; tr. por., *Ser e tempo*. 9ª edição. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. *Der Ursprung des Kunstwerkes*, in *Holzwege*, GA 5. 8ª edição. Frankfurt a.M.: Vittorio Klostermann, 2003a. p. 1-74; tr. por., *A origem da obra de arte*. In *Caminhos da floresta*. Lisboa: Calouste Gulbekian, 1998. p. 5-94.

_____. *Brief über den »Humanismus«*. In *Wegmarken*, GA 9. 3ª edição. Frankfurt. a.M.: Vittorio Klostermann, 2004. p. 313-64; tr. por., *Carta sobre o humanismo*. In *Marcas do caminho*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 326-76.

_____. *Identität und Differenz*, in *Identität und Differenz*, GA 11. Frankfurt a.M.: Vittorio Klostermann, 2006. p. 27-79; tr. por., *Identidade e Diferença*. In *Martin Heidegger. Conferências e escritos filosóficos*. São Paulo: Nova Cultural, 1999. p. 171-218. (Coleção Os pensadores)

_____. *Logik als die Frage nach dem Wesen der Sprache*, GA 38. Frankfurt a.M.: Vittorio Klostermann, 1998a; tr. por., *Lógica. A pergunta pela essência da linguagem*. Lisboa: Calouste Gulbekian, 2008.

_____. *Einführung in die Metaphysik*, GA 40. Tübingen: Max Niemeyer, 1998b; tr. por., *Introdução à metafísica*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.

³⁰ Excepcionalmente, as obras de Heidegger são ordenadas não segundo o ano da publicação do volume consultado, mas sim conforme o número volume das obras completas (*Gesamtausgabe*), indicado pela sigla GA.

_____. *Grundfragen der Philosophie. Ausgewählte »Probleme« der »Logik«*, GA 45. 2ª edição. Frankfurt a.M.: Vittorio Klostermann, 1992; tr. it., *Domande Fondamentali della filosofia. Selezione di «problemi» della «logica»*. Milano: Mursia, 1990.

_____. *Beiträge zur Philosophie (Vom Ereignis)*, GA 65. 3ª edição. Frankfurt a.M.: Vittorio Klostermann, 2003b; tr. esp., *Aportes a la Filosofía. Acerca de evento*. 2ª edição. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2006.

_____. *Besinnung*, GA 66. Frankfurt a.M.: Vittorio Klostermann, 1997; tr. por., *Meditação*. Petrópolis: Vozes, 2010.

MAGRIS, Aldo. I concetti fondamentali dei «Beiträge» di Heidegger. *Annuario filosofico*, Milano, 8, 1992. p. 229-68.

ROMBACH, Heinrich. *Phänomenologie des gegenwärtigen Bewußtseins*. Freiburg/München: Karl Alber, 1980.

SCHÜBLER, Ingeborg. Le système et la fugue: deux modes de penser. In: MEJÍA, E.; SCHÜBLER, I. *Heideggers Beiträge zur Philosophie: Internationales Kolloquium vom 20.-22. Mai 2004 an der Universität Lausanne (Schweiz)*. Frankfurt a. M.: Vittorio Klostermann, 2009, p. 85-102.

STRUMMIELLO, Giuseppina G. *L'altro inizio del pensiero: I «Beiträge zur Philosophie» di Martin Heidegger*. Bari: Levante Editori, 1995.

PARMÊNIDES. *Acerca da nascividade*. In: CARNEIRO LEÃO, E.; WRUBLEWSKI, S. *Os pensadores originários: Anaximandro, Parmênides, Heráclito*. Bragança Paulista: Universitária São Francisco, 2005.